

Redução do nível do

ZILIENSE

DF

20

Brasília, terça-feira, 10 de julho de 1990

17

lago mata os peixes

Paranoá

À redução diária de dois centímetros no nível das águas do Paranoá já deixa às suas margens um longo tapete de peixes mortos, algas e aguapés. O mau cheiro começa a incomodar aqueles que se aproximam, entretanto, o que está por acontecer preocupa muito mais os técnicos da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec), para os quais o projeto de reformas da bacia de dissipaçāo da Usina Hidrelétrica do Paranoá, pelas consequências, deveria ter sido precedido de um estudo de impacto ambiental, embora a lei não condicione a sua execução a estes estudos.

Milhares de outros peixes vão morrer ao longo do mês, enquanto a CEB e a Caesb monitoram a diminuição da cota para 999 metros e 60 centímetros, exatamente 60 centímetros abaixo da cota normal, para que as obras, então, possam ser iniciadas. A mortandade das algas, por si só implica na morte dos peixes — por entupimento de gueiras por restos de algas e pela redução de teor de oxigênio dissolvido em decorrência da decomposição de algas mortas — e se isso não bastasse, a utilização de algicidas provocará um aumento considerável na morte dos peixes, pelos efeitos tóxicos do sulfato de cobre.

TRANSTORNOS

Moradores, frequentadores dos clubes, pescadores e até os namorados que vão à Prainha, ao lado da Ponte Costa e Silva, podem sentir os primeiros efeitos do rebaixamento das águas. Na tarde de ontem, parecia um desafio a aproximação na curva da Prainha. O sol forte ia secando as áreas descobertas pela água poluída, mas, ao mesmo tempo favorecia o banquete das larvas. O odor era insuportável. Aguapés disputavam os espaços mais adiante e observando a área molhada exposta tinha-se a impressão que muito mais que 40 centímetros havia baixado.

De acordo com o engenheiro da Sematec, Gustavo Souto Maior, do Núcleo de Controle Ambiental, a Secretaria não foi consultada a respeito do projeto, mas

é certo que uma alteração de nível da água do Lago nestas proporções irá afetar em muito a vida da população. "Nesta época, do ano o lago em função da seca já é mais alimentado por esgotos, do que pela água, o que facilita o aparecimento do mau cheiro, agora, certamente, haverá uma concentração grande de material orgânico nas margens, contribuindo para o agravamento da situação", disse ele.

Gustavo lembrou que em 1978, um acidente ecológico provocado pelas algas verde-azul (*microcystis aeruginosa*) atingiu até os moradores do Plano Piloto, que tiveram de suportar durante meses o odor forte do Lago. Segundo ele, no período de seca a inversão térmica nas águas também contribui para a morte dos peixes, entretanto, o uso do sulfato de cobre para controlar a proliferação das algas é outro complicador. Para evitar a mortandade de peixes o sulfato de cobre deve ser utilizado nos limites de 0,3 a 0,6 miligramas por litro. Entre os peixes menos tolerantes aos algicidas estão a trufa e a carpa.

Para Gustavo Souto Maior, um relatório de impacto ambiental poderia, num caso como este, avaliar as reais necessidades da alteração em 60 centímetros no nível das águas, para a execução das obras, apontar alternativas para minimizar os danos provocados pela abertura da comporta e até propor, por exemplo, a realização das reformas em etapas.

JUSTIFICATIVA

O diretor de Operação da CEB, em entrevista coletiva realizada na última sexta-feira, justificou a realização das obras dizendo que a Usina tem 28 anos e suas bacias nunca foram revisadas. E que no local há grande quantidade de ferro no concreto aparente, além de rachadura em toda a estrutura. Ele também assegurou que a partir de 1º de agosto o lago voltará a subir de nível. Já o presidente da Caesb, Antônio de Pádua, presente na entrevista, disse que a operação poderá ser suspensa caso seja constatado algum impacto ambiental além do previsto.